

nível artístico, científico e educacional que em tôdas elas nos foi fácil verificar.

Referimo-nos especialmente ao Instituto Gulbenkian de Ciência, que por enquanto compreende o Centro de Cálculo Científico, o Centro de Biologia e o Centro de Estudos de Economia Agrária. Também o que tem efetivado a F. C. G. no setor da música, como os Festivais Gulbenkian de Música, a Orquestra de Câmara Gulbenkian, entre outras numerosas realizações, ou ainda, no setor de Educação, com o trabalho inapreciável feito pelas Bibliotecas fixas e itinerantes, os programas de bôlsas de estudos e a edição da revista “Colóquio” e do “Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira”, estão no mesmo caso.

Assim como o Primeiro Relatório, que compreendeu o período transcorrido da morte de Calouste Gulbenkian, em 20 de julho de 1955 até 31 de dezembro de 1959, êste Segundo que abarcou de 1.º de janeiro de 1960 a 31 de dezembro de 1962, espelha com o nível e a fidelidade rigorosa desojáveis o extraordinário desenvolvimento dessa instituição, cujo renome é mundial, mercê do alcance de sua ação e do desvêlo com que ela é executada pelos seus responsáveis.

**JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA**

\*

\* \*

**Catálogo dos Manuscritos de Macau**, Separata do Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa, n.º 25, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1963.

Já nos referimos (Suplemento Literário do “Estado de São Paulo” n.º 386, de 27 de junho de 1964) à importância do Boletim que a Filmoteca Ultramarina Portuguesa edita, no qual, além do inventário dos acervos documentais e muitas vêzes da publicação integral dos seus textos, que o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos faz incorporar no seu rico patrimônio de microfílmes, inserem-se também alguns catálogos de grande interêsse para o pesquisador de História.

Significativa prova dessas relações circunstanciadas que o CEHU tem promovido é o **Catálogo dos Manuscritos de Macau**, que ora sai em separata do último número (25) do Boletim da Filmoteca, catálogo êsse que constitui a segunda parte de uma publicação já iniciada no 19.º volume do referido Boletim, correspondente a dezembro de 1961.

Foi por volta de 1557 que os portugueses conseguiram o “direito de residência em Macau”, onde desde logo se multiplicaram as cabanas de junco ao lado das casas de pedra e cal, denunciadoras do progresso no Oriente, ponto de encôntro com o Ocidente, que hoje constitui uma cidade colorida e de burburinhos, onde europeus, maçaenses e chineses misturam com o enleio numa paisagem aformo-

seada pelas hortas chinesas, que dão a última palavra na secular horticultura de uma civilização que já foi vegetal, ao lado da vida marítima que se entremostra na cidade flutuante da baía.

Quanto ao precioso inventário da documentação macaense, compreendeu êle os manuscritos do Arquivo do Leal Senado da Câmara de Macau, cujos exemplares mais antigos datam do século XVII, e o núcleo do Arquivo da Repartição Central dos Serviços da Administração Civil, abrangendo 1501 documentos desde 1734 a 1895, cujo índice foi elaborado pelo macaense Basílio do Rosário.

A natureza dos documentos é vária, destacando-se aquêles referentes às relações econômicas de Macau com a China, além de outras regiões vizinhas como Timor, Índia, Solor, Cochinchina, Sião, Filipinas, Camboja, Tonquim, Malaca, Batávia, etc.

O núcleo mais importante é o da Câmara de Macau, que se compõe de 236 códices, compreendendo um período que vai de 1630 a 1924, tendo sido a inventariação feita pelo macaense Luís Gonzaga Gomes.

Pelo índice onomástico, geográfico e ideográfico que valoriza o volume, é possível verificar-se que apenas dois manuscritos têm mais direto interesse para a história do Brasil, embora os assuntos que apresentam sejam secundários, ao inverso da primeira parte do mesmo catálogo (Boletim n.º 19), que apresentou manuscritos que se referiam ao Brasil não somente em maior número, como também de maior importância histórica quanto ao seu conteúdo.

Este número 25 do Boletim da Filмотeca Ultramarina Portuguesa, do qual o Catálogo de Macau é separata, assinala 10 anos de sua circulação, representando a coleção uma das mais inteligentes contribuições que conhecemos para a história da expansão portuguesa.

Com essa publicação, o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos atendeu de maneira excelente à pesquisa histórica, desta feita oferecendo a oportunidade de acesso justamente a uma das histórias econômicas que nos é menos conhecida, isto é, a do Extremo Oriente, num momento em que mais se pronunciavam em Macau duas nocentes causas da destruição dos manuscritos, ou sejam, o clima e as formigas brancas.

**JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA**

\*

\* \*

WOLFF (Philippe) e DIEUZAIDE (Jean). — *Voix et images de Toulouse*. Editions Edouard Privat. Toulouse. 1962. Um volume, 18 x 22,5, com 292 páginas de texto e 96 páginas de fotografias. 35, 40 NF.

**Voz:** o que se diz de Toulouse, desde Estrabão e Cícero até os nossos dias. **Imagem:** uma cidade e seu povo vista por um fotógrafo duplamente sensível a êsse universo, como artista e tulusano.